

Caderno de Cultura Nódoa no Brim

EXISTE UM *MOVIMENTO* LITERÁRIO EM MATO GROSSO?



Olga Maria Castrillon-Mendes (UNEMAT/PPGEL)

Encontro-me instigada por dois momentos de reflexão postos pelo escritor Eduardo Mahon nos finais de 2016: a entrevista com Cristina Campos, veiculada no seu *Facebook*, posteriormente, acompanhada por Marília Beatriz, no *Easy Burger*, sobre a produção brasileira produzida em Mato Grosso, e o polêmico artigo publicado no número 39, deste periódico literário, sobre a função da arte e do artista. No primeiro momento, a conversa gira em torno do atual paradoxo entre o *boom* editorial *versus* a existência de um

“movimento” literário e o que existe de comum entre as produções veiculadas; o outro mobiliza a crítica para reflexões sobre o conceito de arte e, conseqüentemente, de literatura. Não vou me enveredar, ainda, por esta última, pois demandaria análise de outros conceitos e outras temporalidades, noção de cânone, anti-cânone, enfim, a salutar relação dialógica leitor/texto e, necessariamente, as diferentes formas de recepção, pois como se tem repetido, o que importa é atingir o leitor, de preferência, o jovem.

A Metamorfose

Franz Kafka



escolher! Entra dia, sai dia, e eu sempre de viagem. As agitações do negócio são muito maiores do que propriamente o trabalho em casa, e ainda por cima impuseram sobre mim essa praga de ter de viajar, os cuidados com as conexões de trem, a comida ruim e desregulada, contatos humanos sempre cambiantes, que nunca serão duradouros e jamais afetuosos. Que o diabo leve tudo isso!” Sentiu um leve comichão acima, sobre o ventre, deslocou-se devagar sobre as costas, aproximando-se da guarda da cama, a fim de poder levantar melhor a cabeça; encontrou o lugar que comichava; ele mostrava-se tomado por uma série de pontinhos brancos e pequenos, que ele não logrou avaliar donde vinham; quis tocar o local com uma das penas, mas logo puxou-a de volta, pois contato lhe dava calafrios.

Deslizou até voltar à posição anterior. “Esse acordar cedo”, pensou ele, “faz a gente ficar meio abobado. O homem tem de ter seu sono. Outros viajantes vivem com mulheres de harém. Quando eu, por exemplo, volto ao hotel pouco antes do meio-dia, a fim de transcrever as encomendas feitas, esses senhores recém estão tomando seu café. Queria ver se eu tentasse proceder assim com meu chefe; iria para a rua na mesma hora. Aliás, quem sabe se isso não seria bom para mim. Seu eu não me contivesse por causa de meus pais, já teria pedido as contas há tempo; teria me apresentado ao chefe e lhe exposto direitinho o que penso, do fundo do meu coração. Ele teria de cair da escrivaninha! É um jeito bem peculiar o dele, de sentar-se sobre a escrivaninha e falar do alto a baixo com seu empregado, que além do mais tem de se aproximar bastante por causa das dificuldades auditivas do chefe. Bem, a esperança ainda não está de todo perdida; quando eu tiver juntado o dinheiro a fim de quitar a dívida de meus pais com ele – acho que isso demorará ainda uns cinco anos ou seis anos –, eu encaminho a coisa sem falta. Ai então terá sido feito o grande corte. Por enquanto, em todo caso, tenho de levantar, pois meu trem sai às cinco.” [...]

Certa manhã, ao despertar de sonhos intranquilos, Gregório Samsa encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado sobre suas costas duras como couraça e, quando levantou um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado, marrom, dividido em segmentos arqueados, sobre o qual a coberta, prestes a deslizar de vez, apenas se mantinha com dificuldade. Suas muitas pernas, lamentavelmente finas em comparação com o volume do resto de seu coroo, vibravam desamparadas ante seus olhos.

“O que terá acontecido comigo?”, ele pensou. Não era um sonho. Seu quarto, um quarto humano direito, apenas um pouco pequeno demais, encontrava-se silencioso entre as quatro paredes bem conhecidas. Sobre a mesa, na qual se espalhava, de sempacotaba, uma coleção de amostras de tecido – Samsa era caixeiro-viajante –, estava a imagem que ele havia recortado havia pouco de uma revista ilustrada e posto numa moldura bonita e dourada. Ela mostrava uma dama que, escondida num chapéu de pele e numa estola de pele, sentava ereta e levantava aos espectadores um regalo também de pele, dentro do qual sumia todo seu antebraço.

O olhar de Gregório dirigiu-se então para a janela, e o tempo nublado — ouviam-se os pingos da chuva baterem sobre a calha da janela – deixou-o bastante melancólico. “Que tal se eu seguisse dormindo mais um pouco e esquecesse de toda essa bobajada”, pensou; mas isso era totalmente irrealizável, uma vez que estava habituado a dormir sobre o lado direito e em seu estado atual não conseguia se colocar nessa posição. Por mais força que fizesse na tentativa de se jogar para o lado direito, balançava voltando sempre a ficar na posição de costas. Deve ter tentando fazê-lo cerca de cem vezes; fechou os olhos a fim de não precisar ver mais suas pernas se debatendo, e apenas desistiu quando passou a sentir no lado uma dor leve e sombria, que jamais havia sentido.

“Oh, Deus”, pensou ele, “que profissão extenuante que fui

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

Caderno de Cultura
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**
O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA EISSA
ISSN 2238-6467

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários **PPGEL**

EDITORES

Walnice Vilalva é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

Lilian Reichert Coelho é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

Maria Madalena da Silva Dias é graduada em letras, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL).

Fabiola Tormes, direção e jornalismo do Diário da Serra.

e-mail: wdiaspinono@gmail.com

ENDEREÇO
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II • Tangará da Serra-MT CEP: 78300-000 Fone(65) 3326-4724 Fax 3326-6501

Este caderno é parte integrante do Diário da Serra
www.diariodaserra.com.br

EXISTE UM MOVIMENTO LITERÁRIO EM MATO GROSSO?

Olga Maria Castrillon-Mendes (UNEMAT/PPGEL)

O campo literário tem-se modificado nos últimos cinquenta anos. Há um esforço para ressignificar o ensino da literatura como fundamento e pedra de toque da educação. Apropriando-se dos novos sentidos exigidos pela atualidade, muitos trabalhos têm dado conta das reflexões sobre a relação literatura e escola, leitura e ensino de literatura, como propõe o Programa Nacional de Mestrado Profissional em Letras/Profletras.

O muito que se tem produzido em Mato Grosso, pelo endosso (ou não) das duas Universidades públicas, a UNEMAT e a UFMT, demonstra um panorama inédito, só comparável, ressalvadas as devidas proporções históricas e sociais, ao da primeira metade do século XX, quando os jornais e revistas assumiram o papel de divulgação da cultura e sensibilização do leitor. O governo de D. Aquino Corrêa, por exemplo, incentivou a pesquisa histórica, sendo responsável pela construção de um dos acervos mais completos sobre a cultura de Mato Grosso. Os integrantes do Instituto Histórico e da Academia Mato-Grossense de Letras mantiveram em circulação a Revista das duas Instituições mais antigas, cuja circulação se mantém até hoje, convivendo com os novos veículos de comunicação de massa, a internet e o próprio livro. A parceria interna com universidades nacionais e a externa, com universidades europeias e hispano-americanas passam a cumprir o papel da crítica, além de manter um rico acervo de pesquisa, grupos heterogêneos de intelectuais que participam das instâncias decisórias do que se validará para a cultura e para a adoção de programas escolares.

Por outro lado, o *boom* editorial é contrário à democratização do acesso. Costumo dizer que, ou implodem as Instituições acadêmicas, responsáveis pelo crescimento desse mercado, ou os escritores estarão sujeitos a produzir para seus pares, alheios ao diálogo com a sociedade. Consequentemente, não se processará o *movimento* questionado pelo escritor Mahon. Os contextos de produção e o mercado ficarão reduzidos ao “regional”.

Então, o que se ressalta, num primeiro momento, é o comprometimento político-sócio-cultural e as mudanças de atitudes dos profissionais, além da produção de materiais de referência, cujo acesso esteja, no mínimo, ao alcance dos dedos do leitor jovem.

Nos últimos anos tenho participado frequentemente de atividades culturais de pouco alcance do público leitor. Registrei, grosso modo, apenas em 2016, o lançamento de cerca de vinte e oito textos literários – oito apenas em uma semana (entre poesia, conto e romance), dois dicionários de termos e cinco pesquisas resultantes dos programas de mestrado e doutorado em literatura da Unemat, sem contar os trabalhos produzidos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística, muitos deles abordando temas locais. De um levantamento para construção da coletânea que constituiu o Guia de Fonte para o Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, relacionei mais de quatrocentas produções, cujo tema tem Mato Grosso como foco das análises ou como referência, inclusive os trabalhos considerados da tradição, do final do XIX e primeira metade do XX. Um importante e rico panorama de produção. Mas, a quem tem atingido?

Se pensarmos nas abordagens temáticas de/sobre Mato Grosso e sua produção literária e cultural entre os alunos da graduação e da pós-graduação, pouco aparece, na bibliografia inicial utilizada, referência à produção interna. Preocupação com a endogenia? Ou, por outro lado da questão, de que adiantaria trazer “nossa” produção se não é (re)conhecida em outros Estados? Até há menos de duas décadas, Universidades “nossas” e “de fora” rejeitavam projetos de pesquisa cujos temas abordavam escritores “mato-grossenses”. Felizmente, esse quadro tem apresentado sensíveis mudanças, graças a esses mesmos Programas de Pós-Graduação e às parcerias que se estabeleceram.

Se pensarmos, ainda, com Pierre Bourdieu a simbólica relação de poder que as instituições sociais exercem no encaminhamento dessas questões, é preciso se questionar: as licenciaturas, supostamente formadoras de professores, têm se preocupado com as transformações sociais e as necessidades mais prementes de atuação, no nosso caso, do profissional das letras? O que se tem produzido, dentro e fora das universidades (e o que os pesquisadores dessas Instituições têm produzido em outros espaços), tem tido a necessária visibilidade? A literatura dita “mato-grossense” tem chegado ao leitor, ao jovem leitor do ensino fundamental e médio?

Desde 2005, a pesquisadora chilena Ana Pizarro, entre outros que se debruçam sobre o tema, defende a América Latina como arquivo literário e analisa as relações de poder presentes na canonização de autores. Para ela o poder instala sua própria narrativa, como aconteceu durante as ditaduras latino-americanas, quando muitos escritores não puderam vir a público. E digo que acontece hoje, quando escritores ficam à margem, em um lugar onde nós mesmos os colocamos pela ausência do conhecimento do seu universo de produção. Então, a questão inicial possui raízes mais profundas necessárias de serem expostas e necessariamente debatidas.

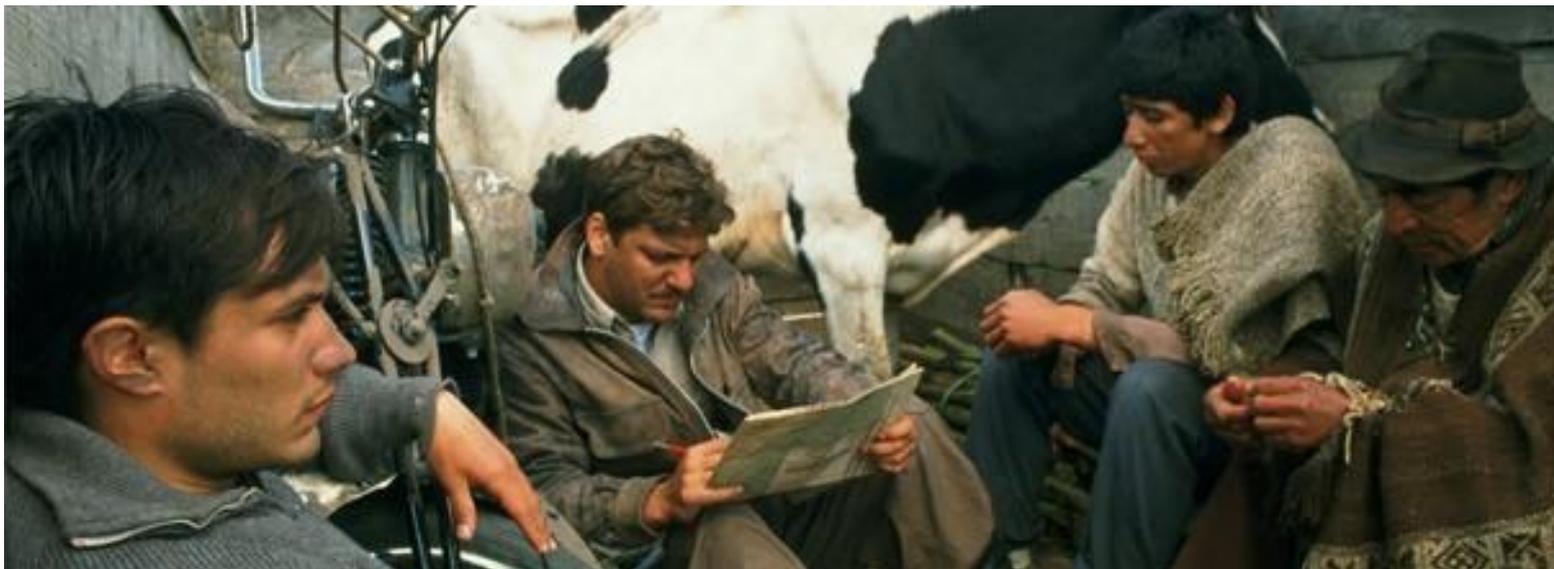
Mato Grosso ocupou (e ainda ocupa) lugar de destaque no cenário nacional e internacional. O conceito que tem adquirido no contexto sócio-cultural brasileiro-amazônico e na América Latina, a partir dessas e outras indagações, pode sustentar-se, de forma mais eficaz, num trabalho coletivo que busque a revisão da historiografia literária, uma das bases para a compreensão dos movimentos (e sistemas) literários das sociedades. Trata-se, então, não apenas de lançar luzes sobre a literatura e poéticas existentes, mas de manter o foco, observando a relação entre o *canon* estabelecido e o material estético a ser observado, os sujeitos e a produção, as historicidades e os momentos de crise (ruptura?) pelos quais se pode estabelecer uma política ética e generosa no meio acadêmico, como propõe Mário César Leite (2005).

Nesta perspectiva de abordagem, revisitar culturas de outros eixos, cujo aspecto é revelador do dinamismo cultural híbrido que constitui a diversidade latino-americana, leva em conta esse *entrelugar* do discurso de que fala Silviano Santiago (2000), cujos procedimentos têm contribuído para, principalmente, problematizar o cânone. Ao se pensar sobre as diferenças, a noção de espaço e de identidades, formulam-se conceitos de/sobre sujeitos sociais que se reconhecem pela hibridiz de sua formação. Assim, são produzidos novos *loci* diferenciais de enunciação, o que significa estar em *regiões culturais*, vistas por Ángel Rama (2001) como práticas de novas formas locais e globais.

Não é, portanto, apenas uma questão de valoração de obras, lugares teóricos ou conceitos, mas o (re)conhecimento do universo de produção, suas singularidades e recepção para além dos binarismos e rótulos. Uma perspectiva de re-visão, levando-se em conta que, assim como a nação, a região é também uma tradição reinventada, por isso passível de leituras em diferentes direções. Vencer os obstáculos que nos impedem de vislumbrar perspectivas de um “movimento” cultural que pode ter início aqui, no diálogo/reflexão e continuar em outros setores da vida social, sucessivamente, como uma avalanche de vontades em busca de um ideal consciente ou reinvenção de um futuro como única saída para a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, um deslocamento que permita a heterotopia do centro para as margens, como pensa Boaventura Sousa Santos (2003) ao tratar das margens culturais portuguesas.

DIÁRIOS DE MOTOCICLETA, DE WALTER SALLES: AVENTURAS DO CONHECIMENTO

Ivana Ferigolo Melo (UNEMAT)



O filme **Diários de motocicleta**, dirigido pelo brasileiro Walter Salles, retrata, com uma carga equilibrada de humor e drama, as aventuras e peripécias experimentadas por dois jovens argentinos, Alberto Granado e Ernesto Guevara de la Serna (que ficou conhecido como Che Guevara) durante uma viagem por alguns países da América do Sul realizada, a princípio, em uma moto velha e precária. O percurso planejado e que deveria ser trilhado pelos dois na garupa da motocicleta de Granado, batizada como *La poderosa*, é alterado já nos primeiros 2000 quilômetros quando, após inúmeras e cômicas quedas, *La poderosa* fica completamente destruída.

Sem poder contar com o veículo, os aventureiros jovens são desafiados a realizar outros trajetos de acordo com a disposição de suas próprias forças e segundo a direção estabelecida pelas caronas que, com algum esforço, conseguem. A inusitada situação abre aos jovens a possibilidade de conhecerem com mais calma e profundidade regiões da América Hispânica e pessoas, como as que lhe oferecem ajuda ou aquelas que encontram enquanto realizam longas caminhadas.

Produzido com maestria, o filme, em alguns momentos, é marcado pela narração acelerada dos fatos. Em outros, os acontecimentos são retratados com muita lentidão, permitindo ao espectador contemplar com calma (estratégia eficaz na arte de sensibilizar, impactar) paisagens, imagens humanas e acontecimentos diversos. **Diários de motocicleta** é uma excelente alternativa para quem curte cinema de qualidade e se mostra disposto a ampliar ou a revisar conhecimentos e posicionamentos sobre a América Latina e sobre figuras históricas polêmicas como Che Guevara.

Livro de Cabeceira

A DESUMANIZAÇÃO

Luan Paredes (UNEMAT)

A vida é um jogo de impasses. A morte, uma certeza. Definir os romances de Valter Hugo Mãe — escritor qualificado pelo próprio Saramago como um tsunami literário — é uma tarefa extremamente árdua. Entre a melancolia de uma existência dividida e a neblina de um futuro incerto, **A desumanização**, do autor luso-angolano, se insere como algo totalmente original nos meandros da literatura contemporânea. A linguagem, as metáforas, as visões destoantes de mundo são ferramentas que Mãe usa com uma maestria mórbida, incomum e até mesmo inquietante.

Halldora, doze anos. Garota islandesa nascida em uma família de gente taciturna. Sua irmã, Sigridur, gêmea de Halldora, a outra metade, morta ainda criança. O romance narrado pela visão da protagonista impúbere parte da morte para falar da vida. Em meio a uma atmosfera apática, a ilha da Islândia torna-se o palco de uma tragédia familiar no qual o foco não parte de alguém totalmente vivo, mas de uma jovem "menos morta". Halla, como também é chamada, nunca superou a ausência de sua irmã, tampouco sua mãe. Dessa premissa funérea, passamos para uma narrativa cujo enredo simples envereda para uma saga de autodescoberta, expiação e sobrevivência. O amor é desumanizado. Os sentimentos são disformes. A vida... enternecedora.

Consideramos a experiência estética em Valter Hugo Mãe premente para os leitores interessados em questões ligadas à natureza humana em seu mais alto grau de desacordo com a banalidade. A nossa recomendação do mês é um desses achados que promovem a busca pelo belo. A vida de Halldora, as suas metamorfoses, os conflitos que compõem o romance são uma ótima experiência para quem aprecia histórias semoventes, daquelas que, mesmo quando findadas, conseguem reverberar na nossa consciência por muito tempo.

